

SIMPÓSIO AT010

A importância do material didático no ensino da língua portuguesa aos falantes do idioma hispânico.

COSENZA, Rosa Maria de Britto.

FFCLRP/GEPALLE - Ribeirão Preto-SP – Brasil.

e-mail: rosabcosenza@gmail.com

Resumo: A princípio, nossa finalidade era tão somente a prática e não a teoria, pois nosso objetivo específico era o ensino da língua e não a teorização da mesma. Surgiu a ideia de elaboração de um manual ilustrado, que nos permitisse o ensino dado diretamente em língua portuguesa, sem intermediação da língua materna dos aprendizes estrangeiros, tendo seu entendimento já facilitado pela proximidade desses dois idiomas: o português e o hispânico. Com base nas ideias de Girard (1972), elaboramos o manual ilustrado que temos utilizado, recolhendo, sempre que possível, os resultados positivos dessa metodologia, que tem proporcionado grande propagação de nossa língua portuguesa. Começa-se pelo aprendizado de um diálogo construído a partir das estruturas que se quer ensinar, em seguida aplicam-se exercícios de assimilação dessas estruturas e exercícios de conversação dirigida, a partir do próprio diálogo.

Palavras-chave: manual; língua portuguesa; estrangeiro; ensino; aprendizagem.

Resumen: Empezamos teniendo como objetivo tan solo la práctica y no la teoría, o sea, la enseñanza de la lengua, no su teorización. Tuvimos la idea de elaboración de un manual ilustrado, que nos permitiera las clases directamente em português, sin la mediación de la lengua materna de los alumnos extranjeros, porque la proximidade de los dos idiomas, el português y el

español, facilitaba ya su comprensión. Basados em Girard(1972), elaboramos um manual ilustrado que hemos utilizado em nuestras clases, siempre com buen resultado. Empezamos com diálogos estructurados em conformidade com lo que deseamos enseñar y, a seguir, hacemos ejercicios, com base em esses diálogos.

Palabras-clave: manual; lengua portuguesa; extranjero; enseñanza; aprendizaje.

Introdução:

Nossa fortuita experiência em sala de aula para ensinar a língua portuguesa aos estrangeiros de fala hispânica, frente à ausência de material didático, levou-nos a improvisar exercícios de conversação com base nas necessidades mais comuns de quem deve saber falar para sobreviver.

Nossa preocupação primeira era a de facilitar aos alunos o processo natural da aprendizagem, começando pela língua falada, já que a escrita nada mais é do que uma transcrição, pode-se dizer imperfeita, da oralidade.

Conforme afirma Girard (1972:17), “separar o oral do escrito é pois facilitar o processo de aprendizagem. Começar pelo oral é seguir a ordem natural, histórica e genética (as línguas são primeiro faladas antes de serem escritas).”

A língua como instrumento de comunicação leva-nos ao emprego do diálogo como ponto de partida em um curso para principiantes. A princípio, nossa finalidade era tão somente a prática e não a teoria, pois nosso objetivo específico era o ensino da língua e não a teorização sobre a língua. Faltava-nos ainda o apoio do visual; o único material disponível era um mapa do Brasil, que pouco ou quase nada nos ajudava.

Nasceu, então, a ideia de elaborarmos um manual ilustrado, que nos permitisse o ensino dado diretamente em língua portuguesa, sem intermediação da língua materna dos alunos estrangeiros, unindo assim o áudio ao visual, mas não ousávamos concretizar sozinhos tal ideia.

Seguimos anos a fio sem material didático, criando uma necessidade constante de comunicação através do diálogo e buscando desenvolver ao máximo as faculdades de percepção e de discriminação auditiva e de fonação. As dificuldades não eram poucas, mas a motivação dos alunos e as semelhanças entre os dois idiomas ajudavam-nos a enfrentar os obstáculos.

Finalmente, em um encontro casual de trabalho, surgiu a oportunidade de construção de nosso manual, com a colaboração efetiva da colega Nilva Mariani, que abraçou nossa ideia e se dispôs à elaboração conjunta (a quatro mãos e duas cabeças) do livro que hoje utilizamos e que tem sido distribuído pelo mundo afora, com muita receptividade e bons resultados.

A função principal de uma língua é a comunicação e a base para ensinar esse tipo de comunicação é o diálogo natural e espontâneo, como acontece no cotidiano da vida em sociedade. Os homens falam para comunicar seus pensamentos reciprocamente, e nessa troca de informações estabelece-se uma reciprocidade natural que conduz à convivência. Assim, o mais simples diálogo pode satisfazer essa necessidade de comunicação que é comum a todos os indivíduos.

Foi preciso, então, imaginar uma lista de temas e de situações da vida corrente, nas quais os diálogos se encaixam naturalmente. Além disso, estabeleceu-se um inventário dos elementos linguísticos que se propõe a ensinar, fazendo-se a escolha das estruturas gramaticais e das unidades lexicais que deverão ser apresentadas, conforme os critérios de frequência, disponibilidade e produtividade. Há, pois, uma progressão na ordem de apresentação das diferentes situações.

Para atingir a expressão espontânea, que é o objetivo final do ensino de uma língua, começa-se pelo aprendizado de um diálogo construído a partir das estruturas que se quer ensinar; em seguida aplicam-se exercícios de assimilação dessas estruturas e exercícios de conversação dirigida, a partir do próprio diálogo.

Podemos concluir, então, que a forma plena da língua é a forma oral, na qual se combinam intimamente os níveis fonológico, morfológico e sintático, e as unidades lexicais. A apresentação dos exercícios, entretanto, deve variar, mesclando o oral com o visual, pois a imagem, aliada ao som, favorece a assimilação e a fixação das estruturas linguísticas.

Com base nessas conceituações é que elaboramos nosso manual, tendo em vista que, sendo a língua, acima de tudo, um instrumento de comunicação, é preciso ensinar primeiramente o uso desse instrumento.

A origem latina do espanhol e do português, por si só, já evidencia o parentesco entre esses dois idiomas (Tagliavini, 1993:51). Várias características estruturais comuns às duas línguas facilitam a compreensão e a assimilação aos falantes (TAGLIAVINI, 1993, p. 587).

Na realidade, a dificuldade de aprendizagem permanece apenas na realização fonética do ditongo nasal “ão”, exclusivo hoje do falar português (Störig, 1993:113).

1- Estrutura do manual

O pequeno livro é composto por dezoito lições que apresentam um texto com as palavras e expressões mais comuns empregadas em diversas situações da vida diária de uma família brasileira, pertencente à classe média, e tem a finalidade de facilitar o aprendizado da língua portuguesa, falada no Brasil, aos estrangeiros que nele se iniciam.

Os termos mais populares estão sublinhados, para destacar sua significação.

Cada lição vem acompanhada de exercícios de conversação e vocabulário ilustrado.

O livro finaliza com um esquema de “noções elementares de gramática”.

Começamos com diálogos mais simples para gradualmente chegarmos aos mais complexos. Os elementos novos, que requerem uma explicação gramatical, vão sendo introduzidos esquematicamente e em pequenas doses.

Como a língua é, antes de tudo, um instrumento de comunicação, é o manejo deste instrumento que é preciso ensinar em primeiro lugar. A exploração sistemática das riquezas culturais expressas pela língua vem em seguida.

O ponto de partida é a sugestão de situações familiares que podem levar os alunos a expressarem-se livremente na forma oral, de início, sem preocupação alguma com a escrita, apenas apoiados no recurso visual das imagens que ilustram o vocabulário.

A intenção é fazer com que os elementos assimilados, pouco a pouco se apresentem facilmente ao espírito dos alunos. O importante é criar o hábito de expressar-se com prazer na língua estrangeira.

2- Na sala de aula

O ensino de língua estrangeira requer algumas técnicas pedagógicas consideravelmente influenciadas pelo material pedagógico disponível, o que nos leva a considerar a necessidade de um manual.

Desde o início do processo pedagógico, esse ensino deverá utilizar o método direto na língua objeto, sem apelar para a língua materna dos alunos.

O método direto tem como base o diálogo na língua em estudo, excluindo o recurso à língua materna e suscitando nos alunos o desejo de comunicação não só com o professor, mas também com os colegas. Aliado à técnica audiovisual, o diálogo leva ao manejo correto da língua falada e solicita constantemente a participação ativa dos alunos, deixando a compreensão e expressão escrita para uma segunda etapa, quando a forma oral já estiver

completamente assimilada, sem descuidar da correção fonética e gramatical, tanto quanto da lexical. Os alunos aprendem primeiro a escutar e falar, para depois aprender a ler e escrever.

O desenvolvimento das aulas compreende três fases: apresentação, exploração e fixação.

A apresentação deve ser viva e precisa, para introduzir os elementos novos da lição, ensinando a forma (fonética, morfológica e sintática), ao mesmo tempo em que deixa claro seu sentido em um determinado contexto sociocultural, pois quando se ensina uma língua, ensina-se também a civilização que ela representa. As explicações (feitas na língua ensinada) devem ser breves e seguidas de uma utilização pelos alunos, através de repetições coletivas e/ou individuais, substituições e criações. A leitura de um diálogo e a colocação de questões devem ter um suporte visual, como um varal de imagens ou cartazes, que permitirá ao aluno a compreensão de algumas frases sem intervenção do professor.

Num segundo momento, que é a fase da exploração, haverá a retomada dos elementos linguísticos que foram aprendidos, para empregá-los em contextos diferentes daquele em que foram apresentados, mais familiares aos alunos, a fim de que possam expressar-se livremente. É preciso agir por etapas, indo do mais simples ao mais complexo e do mais artificial ao mais espontâneo. O professor poderá fazer menção à atualidade, a eventos que sejam do conhecimento de todos, para despertar interesse e reforçar a motivação dos alunos.

A fase de fixação é o terceiro momento da aula, que permite uma assimilação definitiva e uma aprendizagem de verdadeiros automatismos linguísticos.

Durante esses três momentos, os livros permanecerão fechados. O papel do professor consistirá em fazer compreender e assimilar os elementos gramaticais, lexicais e fonéticos, com um mínimo de intervenção de sua parte e uma participação ativa dos alunos, através do diálogo.

Conclusão

A priorização do português falado, unindo a imagem ao som, favorece a compreensão e a memorização, segue o curso natural do aprendizado de línguas e prova a necessidade de um manual como apoio pedagógico, que acompanhará o aluno na realização de exercícios feitos em casa, onde os cartazes e as gravações laboratoriais não se fazem presentes.

A feitura do manual deverá sempre seguir uma progressão, do mais simples ao mais complexo, para dar confiança aos alunos, sem inibi-los através de correções constantes, o que poderá intervir de maneira negativa no aprendizado.

A apresentação gradativa dos elementos linguísticos selecionados assegura a retenção e o conhecimento ativo dessas unidades, seguindo uma ordem de prioridade que leva à escolha das unidades fônicas, gramaticais, lexicais e semânticas que serão introduzidas no curso, com base no uso mais comum e frequente, sem cair em rigor excessivo.

É sempre bom lembrar que não se trata de ensinar a teoria dos elementos linguísticos, mas sim, a maneira correta de utilizá-los em vários contextos da vida quotidiana, procedendo por etapas, para não levar os alunos à exaustão.

No ensino de língua estrangeira, coloca-se em primeiro plano o aprendizado da língua como meio de comunicação oral que é a base de sua utilização mais comum em qualquer sociedade. Por isso mesmo é que o diálogo ocupa lugar de destaque como exercício modelo, que dá conta de apresentar as mais variadas mudanças e diferenças de funcionamento da língua em questão, evitando a simples decoração e levando à verdadeira compreensão.

É imprescindível variar a apresentação dos exercícios para não entediar os alunos, pois o tédio é veneno mortal para a motivação. Aulas dinâmicas, animadas e alegres produzem maior eficácia pedagógica, geram confiança e espontaneidade.

Resta-nos tão somente reafirmar que a similaridade entre os dois idiomas, espanhol e português, facilita o uso de um manual no ensino do Português aos falantes de língua hispânica.

Nossa experiência tem atingido seu objetivo e aqueles que já tiveram a oportunidade de usar nosso manual como apoio pedagógico para o aprendizado da língua portuguesa falada no Brasil, dão-nos testemunho de sua eficácia.

Referências bibliográficas

COSENZA, Rosa Maria de Britto e MARIANI, Nilva. *Português tal qual se fala no Brasil, para estrangeiros*. 2ª ed. Ribeirão Preto -SP – Brasil: São Francisco Grupo Gráfico, 2006.

GIRARD, Denis. *Linguistique appliquée et didactique des langues*. 3^{ème}. édition. Paris : Armand Colin – Longman, 1972.

MIRANDA, Regina Lúcia Faria de et al. *A língua portuguesa no coração de uma nova escola*. São Paulo: Ática, 1995.

STÖRIG, Hans Joachin. *A aventura das Línguas*. Uma viagem através da História dos idiomas do mundo. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

TAGLIAVINI, Carlo. *Orígenes de las lenguas neolatinas*. Introducción a la filología romance. 2ª. ed. México: Fondo de la Cultura Económica, 1993.